

H.G.

WELLS

UMA UTOPIA MODERNA



Tradução
Mayra Csatlos

H.G.

WELLS

UMA UTOPIA MODERNA



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto H. G. Wells	Produção editorial Ciranda Cultural
Tradução Mayra Csatlós	Diagramação Linea Editora
Preparação de textos Maria Stephania da Costa Flores	Design de capa Wilson Gonçalves
Revisão Fernanda R. Braga Simon	Imagens vectorpouch/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W453u Wells, H. G., 1866-1946

Uma utopia moderna / H. G. Wells ; traduzido por Mayra Csatlós. -
Jandira, SP : Principis, 2021.

304 p. ; 15,5cm x 22,60cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: A modern utopia

ISBN: 978-65-5552-303-4

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Csatlós, Mayra. II. Título. III. Série.

2021-191

CDD 823

CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Nota ao leitor.....	7
O Dono da Voz	11
1. Topografia.....	15
2. Sobre as liberdades	37
3. A economia em Utopia	67
4. A voz da natureza	99
5. Falha em Utopia Moderna.....	116
6. As mulheres em Utopia Moderna	145
7. Algumas impressões utópicas	172
8. Meu eu utópico	195
9. Os samurais	204
10. As raças em Utopia	247
11. A explosão da bolha	272
Apêndice. Ceticismo da obra.....	288

NOTA AO LEITOR

Este é, provavelmente, o último de uma série de escritos, com exceção de alguns ensaios anteriores desconectados, cujo início se deu com *Anticipations*¹. Originalmente, minha intenção era de que *Anticipations* fosse a única digressão da minha arte ou negócio (chame do que quiser) de um escritor imaginativo. Escrevi aquele livro imbuído de limpar a lama que turvava a minha própria mente a respeito de inúmeras dúvidas de ordem social e política; dúvidas que eu não podia manter dissociadas do meu trabalho porque elas me incomodavam ao ponto de eu as abordar de maneira estupidamente aleatória e porque ninguém, até onde eu sabia, havia tocado nelas de modo que satisfizesse minhas necessidades. No entanto, *Anticipations* não serviu para esse propósito. Minha mente é lenta, construtiva e hesitante, e, quando emergi daquele projeto, percebi que grande parte dos meus questionamentos ainda precisava ser identificada e resolvida. Em *Mankind in the Making*², portanto, tentei analisar a organização social de maneira distinta e considerá-la como um processo educacional em vez de estabelecer algum tipo de conexão com uma história futura, e, se transformei esse segundo livro em algo ainda menos satisfatório do que o primeiro, do aspecto literário (esta é a minha opinião), deslizei, penso, de maneira mais edificante – pelo menos do ponto de vista da minha própria erudição. Aventurei-me por diversas temáticas com grande franqueza em comparação a *Anticipations*, e ergui-me dessa segunda labuta ainda mais culpado pela escrita precipitada, mas com considerável desenvolvimento de uma opinião formada. Em muitos assuntos consegui delinear, finalmente, alguma certeza pessoal com base na qual sinto que viverei pelo resto dos meus dias. Neste livro, tentei liquidar diversas

¹ *Anticipations*, ou *Antecipações*, é uma obra de H. G. Wells publicada em 1901. (N.T.)

² *Mankind in the making*, ou *Humanidade em construção*, é uma obra de H. G. Wells publicada em 1903. (N.T.)

questões que haviam restado ou que haviam sido expostas nos dois volumes anteriores, bem como corrigir alguns detalhes, além de expor uma visão geral de uma Utopia que se desenvolveu em minha mente durante o curso dessas especulações por ser uma situação imediatamente possível e ainda mais desejável em relação ao mundo em que vivo. Contudo, este livro me remeteu à escrita criativa novamente. Nos volumes predecessores, o tratamento da organização social havia sido puramente objetivo; porém, neste volume, a minha intenção foi abordá-la de modo mais profundo e abrangente, em que almejei não apenas retratar um ideal, mas um ideal reigente a duas personalidades. Além do mais, este pode ser o último livro deste tipo que hei de publicar. Escrevi-o, portanto, com todo o ceticismo metafísico e herético possível, sobre o qual todo o meu pensamento jaz, e inseri certas seções que promovem uma reflexão acerca dos métodos estabelecidos por duas ciências, a sociológica e a econômica.

As últimas quatro palavras não hão de atrair o leitor de sobrevoos, aquele que simplesmente passa os olhos de modo distraído pelas páginas. Reconheço isso. Fiz o melhor para tornar este livro inteiro tão lúcido e interessante quanto o assunto permite, pois quero que seja lido pelo maior número possível de pessoas. No entanto, não prometo nada além de raiva e confusão a quem se propuser a folhear as minhas páginas só para ver se temos opiniões parecidas, ou então a quem resolver começar a leitura do meio e apenas passar os olhos pelo texto, sem uma atenção constante. Se você já não tem um interesse mínimo ou a mente aberta em relação às questões sociais e políticas, e pouco exercitou sua autoavaliação, certamente não encontrará nenhum interesse nem prazer aqui. Se tiver a mente “convencida” sobre essas questões, essas páginas serão uma perda de tempo. E, mesmo se for um leitor disposto, você poderá precisar de um pouco mais de paciência em relação ao método que adotei desta vez.

Este método pressupõe uma atmosfera casual, mas não tão descuidada quanto pode parecer. Acredito que, agora que terminei de escrever este livro, esta é a melhor maneira de descrever uma ambiguidade lúcida que sempre chamou a minha atenção. Tentei iniciar um texto utópico diversas

vezes antes de adotar este início. Rejeitei desde o princípio o formato de ensaio argumentativo, o qual tende a agradar mais rapidamente aquele leitor “sério”, o leitor que, muitas vezes, não passa de um parasita solenemente impaciente com as grandes dúvidas do mundo. Esse leitor gosta de tudo descrito de maneira dura, pesada, gosta do “preto no branco”, de “sim” e “não”, pois não compreende a magnitude de assuntos que não podem ser apresentados dessa maneira; e, sempre que há algum tipo de defeito de obliquidade, de incomensurabilidades, sempre que há leveza ou humor ou dificuldades acerca de apresentações multiplexas, esse mesmo leitor lhe recusa a atenção. Ele parece mentalmente fundamentado sobre convicções invencíveis, entre as quais o Espírito da Criação é apenas uma, e trabalha somente com alternativas. Decidi, portanto, não tentar agradar esses leitores aqui, mesmo se eu apresentasse todos os meus cristais de três dimensões geométricas em sistemas de cubos! De fato, senti que não valeria a pena. Contudo, ao rejeitar o tipo “sério” de ensaio como formato, ao qual eu estava bastante acostumado, levei meses para decidir qual seria então a estrutura deste livro. Em primeiro lugar, tentei um método famoso, o de analisar questões de perspectivas divergentes. Isso sempre me atraiu, porém eu nunca soube utilizar com êxito o romance discursivo, seguindo a linha de desenvolvimento de Peacock³ (e do senhor Mallock⁴) do diálogo antigo. No entanto, o método me sobrecarregou devido ao número desnecessário de personagens e à complicação inevitável da trama entre eles; então, abandonei-o. Em seguida, tentei encaixar o texto em um formato que lembrava um pouco a dupla personalidade de Johnson de Boswell⁵, um tipo de interação entre monólogo e comentário, mas esse método também falhou, embora tivesse se aproximado mais da qualidade que eu buscava. Depois, hesitei em relação ao que alguns chamam de “narrativa engessada”. Ficará evidente ao leitor experiente que, ao omitir

³ Referência ao autor, poeta e romancista inglês Thomas Love Peacock. (N.T.)

⁴ Referência a William Hurrell Mallock, romancista inglês e escritor de economia. (N.T.)

⁵ Referência ao livro *A vida de Samuel Johnson*, de autoria do biógrafo e advogado escocês James Boswell. (N.T.)

H. G. WELLS

certos elementos especulativos e metafísicos e ao elaborar um incidente, este livro pode ter sido reduzido a uma história assaz direta. Mas eu não quis omitir tanto nesta ocasião. Não sei por quê, mas minha tendência sempre é a de bajular o apetite vulgar por histórias cruéis. E, resumindo, foi exatamente o que fiz. Explicarei tudo isso de maneira ordenada para esclarecer ao leitor que, por mais estranho que este livro pareça à primeira análise, este é o resultado de diversas tentativas e determinação, cuja intenção é compatível com o que ele é. Vislumbrei, ao longo dele, um tipo de textura semelhante a um tipo de seda iridescente que se presta ora a uma discussão filosófica, ora a uma narração imaginativa.

H. G. WELLS



O DONO DA VOZ

Há obras, e esta é uma delas, que são mais bem iniciadas com um retrato do autor. E aqui, de fato, em razão de um equívoco muito natural, este é o único curso a ser tomado. Ao longo destas páginas, ecoa uma nota pessoal e distintiva, uma nota que tende algumas vezes à estridência; e tudo em contrário, assim como essas palavras, em itálico, representam uma Voz. Agora, esta Voz, e essa é a peculiaridade inerente ao assunto, não deve ser considerada como a Voz do autor ostensivo que apadrinha essas páginas. Você deve desobstruir a mente em relação aos preconceitos que carrega a esse respeito. O Dono da Voz deve ser imaginado como um homem rechonchudo e branquelo, ligeiramente abaixo da estatura e da idade médias, de olhos azuis assim como muitos irlandeses, ágil nos movimentos e dono de uma pequena calvície, a qual poderia ser facilmente coberta com poucos centavos, em formato de coroa. Sua frente é convexa. Às vezes ele se aborrece, como todos nós, mas na maior parte do tempo é valente como um pardal. Sua mão ocasionalmente esvoaça com um gesto trêmulo e ilustrativo. E a Voz de tenor (que fará o nosso intermédio daqui em diante) é pouco atrativa, de tom às vezes agressivo. Você deve imaginá-lo sentado à sua mesa, lendo um manuscrito sobre Utopias, um manuscrito que repousa em ambas as

mãos dele, minimamente rechonchudas na região dos pulsos. A cortina se ergue diante dele, portanto. Todavia, se os dispositivos da declinante arte literária prevalecerem, você o acompanhará em suas experiências curiosas e interessantes. Ainda assim, incessantemente, você o encontrará sentado àquela mesa, com o manuscrito nas mãos e reiniciando a expansão de seu raciocínio conscientemente acerca da Utopia. Sendo assim, o entretenimento que se encontra diante do leitor não é o conjunto dramático das obras de ficção que você está acostumado a ler, tampouco é o conjunto literário dos ensaios que você se acostumou a evitar, mas uma fórmula híbrida de ambos. Se imaginar o dono desta Voz sentado, um pouco irritado, um pouco modesto, em um palco, diante de uma mesa onde um copo d'água repousa e onde tudo se completa, e imaginar a mim, o autor, como um tipo intruso que insiste em acrescentar uma brutalidade moderada às suas "poucas palavras" introdutórias antes que ele possa voar com as próprias asas, e se conseguir imaginar uma folha de papel atrás do nosso amigo em que figuras móveis aparecem de maneira intermitente e então supor que o assunto é a história da aventura de sua alma vagando por dúvidas utópicas, estará, portanto, preparado, pelo menos, para algumas das dificuldades desta obra incomum e sem valor.

No entanto, contra o escritor apresentado neste livro há também outra pessoa, mundana, a qual se recolhe a uma personalidade distinta apenas depois de uma complicação preliminar com o leitor. Esta pessoa é chamada de um botânico, um homem mais inclinado, mais alto, mais sério e muito menos falante. Seu rosto é pouco formoso e salpicado com tons de cinza. Ele tem a pele clara, seus olhos são acinzentados, e sua cara é a de quem sofre de indigestão. É uma suspeita justificável, na realidade. O escritor observa homens desse tipo com uma intrusão repentina de modo a expor o personagem: são românticos, mas com uma sombra de mesquinhez, e buscam de todos os modos ocultar e moldar suas tentações emergentes com sentimentalidades ofensivas. Embrenham-se em grandes emaranhados de problemas com mulheres, e este do qual falamos de fato teve os seus. Você vai ouvir sobre eles, uma vez que esta é a qualidade deste tipo. Sua voz não

UMA UTOPIA MODERNA

tem uma expressão pessoal neste livro, a Voz é sempre a do outro, mas você entenderá melhor o assunto e como se dão suas interpolações por meio do entorno e da essência da Voz.

Muita coisa é necessária no que diz respeito a um retrato pictórico para apresentar os exploradores de uma Utopia Moderna, a qual se desdobrará como pano de fundo para essas duas figuras inquiridoras. Você deve se ater à imagem de um entretenimento cinematográfico. Haverá um efeito dessas duas pessoas andando de um lado para outro em frente ao holofote de uma lanterna falha que às vezes se torna turva e sai de foco, mas que ocasionalmente é capaz de mostrar, em uma tela, uma figura móvel e momentânea das condições utópicas. Ocasionalmente, a figura se esvai de uma única vez, a Voz argumenta e, então, as luzes do palco retornam. Nesse momento, você percebe que está ouvindo o homem pequeno e rechonchudo sentado à sua mesa articulando suas proposições de maneira laboriosa, de frente para o qual, neste mesmo instante, as cortinas se erguem.



1

TOPOGRAFIA

SEÇÃO 1

A utopia de um sonhador moderno precisa necessariamente diferenciar-se em um aspecto fundamental, desde os *Nowheres*⁶ às utopias planejadas pelo homem antes da aceleração provocada no mundo pelo pensamento darwinista. Essas utopias anteriores eram estados perfeitos e estáticos, havia um equilíbrio entre a felicidade conquistada em relação às forças da inquietação e do caos que são inerentes às coisas. Abrangiam uma geração saudável e simples que reverenciava os frutos da terra em atmosfera de virtude e felicidade, a ser seguida por outras gerações virtuosas, felizes e inteiramente semelhantes – até que os Deuses se cansaram. As mudanças e o desenvolvimento foram para sempre amaldiçoados por

⁶ Corrente filosófica criada por William Morris em seu livro *News from nowhere* [*Notícias de lugar nenhum*]. No livro, a sociedade utópica de Morris se volta novamente à agricultura e ao artesanato. (N.T.)